



**Bom dia, Varsóvia<sup>1</sup>**

Good Morning, Warsaw

**palavras-chave:**  
exposições de arte contemporânea com tema brasileiro no mundo todo; arte brasileira como produto de exportação e como marca; crítica institucional; relações culturais entre Polônia e Brasil.

Este texto foi concebido em conjunto com a exposição Amor e ódio a Lygia Clark / Love and Hate to Lygia Clark, na Zachęta Gallery, Varsóvia (13/12/2013 – 23/02/2014), mas permanecia inédito até o momento. Nerefuh e Maier refletem sobre a explosão de exposições de arte contemporânea com tema brasileiro no mundo todo durante as primeiras duas décadas do século XXI.

**keywords:**  
Brazil themed exhibitions of contemporary art worldwide; Brazilian art as export product and branding; institutional critique; cultural relations between Poland and Brazil.

This short text was originally prepared for the exhibition “Amor e ódio á Lygia Clark / Love and Hate to Lygia Clark”, at Zachęta National gallery of Art, Warsaw (13/12/2013 - 23/2/2014), yet remained unpublished to date. Nerefuh and Maier reflect upon the surge of Brazil themed exhibitions of contemporary art worldwide during the first two decades of the 21st century.

\* Universidade de São Paulo (USP).

Daniel Steegmann Mangrané, *Axolotlism* na NoguerrasBlanchard em Madrid, 2015.

Estamos pensando no Brasil (e na Polônia) enquanto um violonista toca uma música escrita em 1991 pelos Scorpions, *The wind of change* [Os ventos da mudança], na Praça do Patriarca, uma praça pública em pleno centro de São Paulo. Para mim (Tobi Maier, imigrante alemão no Brasil), é surreal ouvir uma música que, de algum modo, conecta-se à queda do Muro de Berlim e evoca imagens dos cidadãos da RDA vestidos com jaquetas jeans estonadas, ébrios de alegria. As lembranças se confundem.

Ao contrário das regiões mais abastadas da cidade, nas quais a própria noção de espaço público foi completamente sequestrada pelo ideal da comunidade murada, o centro de São Paulo ainda ostenta algumas áreas e praças públicas sobreviventes, como a Praça do Patriarca, onde estamos no momento. Um grupo peruano de sopros toca ao lado de um palhaço que dança e acompanha nas castanholas uma canção de Elvis Presley; um desabrigado louva a Jesus diante de uma igreja; e alguém defende aos brados os direitos dos negros no Brasil. Nos últimos tempos, a prefeitura, adjacente à praça, tem enfrentado protestos quase todos os dias. Dentre as numerosas reivindicações, os vendedores ambulantes de cachorro-quente recentemente manifestaram em prol de seus direitos comerciais em uma van que distribuía *hot-dog grátis*. A esfera pública é transformada diariamente em palco dramático.

Ressoam com *The wind of change* os protestos dos professores nas ruas do Rio de Janeiro; os protestos contra o aumento de preço do transporte público em São Paulo; os protestos contra a venda dos campos petrolíferos brasileiros; contra a violência rural, urbana e suburbana; contra os gastos com campeonatos mundiais de futebol e as Olimpíadas e o deslocamento de comunidades indígenas devido a projetos de construção; contra a corrupção e a enorme burocracia que tanto travou a vida pública; a falência dos projetos de mineração e construção imobiliária do homem outrora detentor da maior fortuna do Brasil, Eike Batista. *Os ventos da mudança* e o desejo por um novo projeto nacional são palpáveis.

## II

Nos anos 1920, novos imigrantes oriundos da Europa Ocidental e Oriental chegavam ao Brasil, estimulados pela nova riqueza gerada pela comercialização e industrialização do café. Em São Paulo, automóveis e charutos suscitaram novos hábitos modernos em uma sociedade

1. Este texto foi concebido em conjunto com a exposição Amor e ódio a Lygia Clark / Love and Hate to Lygia Clark, na Zacheta Gallery, Varsóvia, mas permanecia inédito até o momento.

fundada no agronegócio. A Semana de Arte Moderna de 1922, organizada por Emiliano di Cavalcanti e Mário de Andrade, trouxe exposições, concertos e poesia ao Teatro Municipal e estabeleceu a cidade como sede do novo movimento modernista nas artes. Em 1926, Gregori Warchavchik, arquiteto imigrante de Odessa, construiu a primeira casa modernista em São Paulo. Em 1928, o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade convidava a “devorar nosso colonizador de maneira a nos apropriar de suas virtudes e poderes e transformar o tabu em totem”. Embora a própria noção de identidade nacional tenha como base, historicamente, a hibridização – europeus brancos, africanos negros e americanos indígenas, designados como as três matrizes da cultura brasileira – o discurso sociocultural hegemônico desenvolveu-se na direção de um Brasil Euro-Brasileiro (como o denomina a artista Maria Alves), no qual a maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, continua a ser excluída, e os direitos dos povos indígenas e outras “minorias” silenciados.

Atualmente, nativos de países vizinhos da América Latina, como a Bolívia e o Peru, bem como espanhóis e outros europeus (que sofrem os efeitos da crise global) e africanos subsaarianos estão desembarcando no país, sobretudo em São Paulo, em busca de seu quinhão na nova opulência do Brasil, de modo que, mais uma vez, a face pública da cidade está se tornando mais multicultural.

### III

Diante desse pano de fundo e concomitantemente a uma economia que parece estar em pleno crescimento, uma série de exposições de arte contemporânea com *tema brasileiro* vem pululando em diferentes partes do mundo. A história recente das exposições internacionais com tema inspirado no Brasil inclui *Brazil: body and soul* no Guggenheim de Nova York, que ocorreu em 2001/2002 e apresentou “Obras-primas barrocas dos séculos XVII e XVIII, junto com obras excepcionais da arte moderna e contemporânea” e incluía uma “justaposição de trabalhos importantes de artistas indígenas, afro-brasileiros e europeus estabelecidos no Brasil”. Dois anos depois veio *Entre Pindorama* no Künstlerhaus de Stuttgart. Ao passo que *Entre* “nos convida a entrar – a conhecer e discutir a arte brasileira”, *Pindorama* define “a terra das palmeiras – lar da população nativa do Brasil”. Inspirada nas ideias de uma corrente da arte moderna brasileira – a *Antropofagia*, uma visão

de renovação cultural – a exposição “defendia uma forma de contato positiva e empática com o Outro”. Dois anos mais tarde tivemos *Tropicália*, que foi levada ao Museu de Arte Contemporânea de Chicago, ao Museu de Artes do Bronx em Nova York e ao Barbican de Londres (2006), tendo como base um movimento cultural multidisciplinar que surgira durante a era da ditadura militar. De acordo com a assessoria de imprensa, “O movimento da *Tropicália* foi uma resposta apaixonada e inteligentemente articulada à ditadura militar, a declaração contracultural definitiva – uma verdadeira revolução que redefiniu as artes no Brasil e remodelou a identidade brasileira. Ela representaria uma breve explosão de transformação e agitação cultural, estendendo-se por um período de menos de cinco anos, de 1967 a 1972”.

E atualmente podemos visitar diversas outras exposições (coletivas) com *tema brasileiro* durante a apresentação brasileira na Feira do Livro de Frankfurt; além de: *Conversation pieces* (Neuer Berliner Kunstverein, Berlim), *Imagine Brazil* (Museu de Arte Moderna Astrup Fearnley, Oslo), *Cruzamentos: contemporary art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, Ohio) e, é claro, *Amor e ódio a Lygia Clark / Love and hate to Lygia Clark* (Zachęta, Varsóvia).

É notável que todas essas exposições estejam ocorrendo durante este segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014. Parece haver um repentino aumento de interesse internacional na produção de arte contemporânea no Brasil, especialmente pelos jovens artistas. Esse fenômeno diz muito sobre o discurso atual que vem sendo promovido no país – uma ênfase na florescente produção artística brasileira que anda de mãos dadas com a especulação de um novo mercado de colecionadores, galerias, museus, artistas, leilões e feiras. Os mecanismos que operam na produção de arte com tema brasileiro (no Brasil como no exterior) parecem criar e promover a ideia de uma arte nacional. Ao mesmo tempo, o capital global que se embrenha no país segue a lógica neoliberal da especulação: explorar as novas fontes de riqueza enquanto elas durarem, passando em seguida a outra coisa (Índia, México, Brasil, China, Rússia). E em certa medida sentimos que essas exposições funcionam como um espelho para a situação conservadora do mundo da arte nas principais capitais do Brasil. Todas essas exposições apresentam poucas artistas mulheres, pouquíssimos negros e quase nenhum indígena, raríssimos ou nenhum artista brasileiro que viva fora do Brasil ou que trabalhe em contextos externos às principais capitais artísticas do país.

Nessa trajetória de especulação, a estética do modernismo brasileiro emerge como uma moeda internacional que conecta o país a um discurso e uma história da arte globais.

O atual interesse em apresentar e representar o “Brasil Moderno” internacionalmente vem atraindo jovens artistas brasileiros, bem como dezenas de artistas e curadores internacionais: enquanto alguns negociam seu trabalho com esse legado, outros sentem que devem fazê-lo porque o caminho já está traçado. Nesse sentido, o grande projeto moderno de *delinear um novo futuro* para o país pode ser rapidamente transformado em uma dupla apreensão neocolonial do país – tanto pela elite nacional quanto pelo capital internacional. Assim, paradoxalmente, os horizontes utópicos de uma civilização alternativa (ou seja, um Brasil Moderno híbrido e complexo) retraem-se enormemente diante desse novo ímpeto de um “Brasil Moderno” para exportação.

#### IV

Na Zachęta, o público terá a chance de se envolver com uma cuidadosa seleção de obras de arte, projetos especialmente encomendados e performances ao vivo que buscam refletir de forma crítica sobre esse paradoxo do “Brasil Moderno” contemporâneo, além de apresentar novas narrativas alternativas – de releituras do legado colonial à música funk contemporânea.

A Polônia e o Brasil estão culturalmente conectados através de uma história de imigração polonesa para o Brasil (no século XIX), um intenso intercâmbio de arte conceitual e redes de arte postal durante o socialismo e a ditadura militar (no século XX) e as analogias que existem dentro da tradição construtivista entre artistas de ambos os países. Esperamos que esta exposição possa contribuir para a renovação do diálogo entre os dois países e que o público da Zachęta seja capaz de traçar novos paralelos, levando em conta as deficiências, mas também as novas possibilidades inerentes ao projeto moderno e contemporâneo, tanto na vida sociocultural brasileira quanto na polonesa.

**Leandro Nerefuh** (1975) vive em São Paulo e é graduado em História da Arte (Goldsmiths College, 2007) e mestre em Estudos Culturais (London Consortium, 2009). Trabalha com a tradução formal de narrativas históricas, com especial interesse na América Latina. Entre exposições recentes, destacam-se "Radical Software", W139, Amsterdam; "33o Panorama da Arte Brasileira", MAM-SP; "Agitprop Abyssal", Galeria Nacional Zachęta, Varsóvia; "Contra Escambos", Palácio das Artes, Belo Horizonte; "Mobile Radio", 30a Bienal de São Paulo; "Arquivo Banana", 17o Festival Sesc Video-Brasil; "Memórias Disruptivas", Museu Reina Sofia, Madrid; "Talk Show", Institute of Contemporary Arts, Londres. Exposições futuras incluem 12a Bienal de Havana; e Kunstenfestivaldesarts, Bruxelas. Leandro é também colaborador da Escola Capacete (Rio de Janeiro), e fundador do PPUB, Partido pela Utopia Brasileira, atuante no Brasil, Paraguai e Uruguai. É cofundador do espaço expositivo SOLO SHOWS, em São Paulo.

**Tobi Maier** vive em São Paulo e é crítico de arte, curador, docente e editor. Atuou como curador no Frankfurter Kunstverein (2006-2008) e no MINI / Goethe-Institut Curatorial Residencies Ludlow 38, em Nova Iorque (2008-2011). Foi curador associado da 30a Bienal de São Paulo (2011-2012) e coeditou as publicações OEI #60/61 Extra-disciplinary spaces and de-disciplinizing moments. In and out of the 30th Bienal de São Paulo em 2013 e OEI #66 poema/processo em 2014, entre outros. É mestre em Estudos Curatoriais pelo Royal College of Art, Londres, Reino Unido e doutorando em Poéticas Visuais (ECA-USP). Contribui desde São Paulo para várias revistas de arte contemporânea incluindo Artforum, Frieze e Aperture. Tobi Maier é co-fundador do espaço expositivo SOLO SHOWS em São Paulo.

**Leandro Nerefuh**

**Tobi Maier**

Bom dia, Varsóvia

---

Leandro Nerefuh, *Caverna de Umbelina*, 2015.

Artigo recebido em 18 de dezembro de 2014 e aprovado em 26 de janeiro de 2015.

